



Este artigo tem como objetivo estabelecer um diálogo com Gilberto Luiz Alves acerca de sua obra “A Produção Material da Escola Pública Contemporânea”. Mais especificamente, somamos argumentos favoráveis à tese defendida pelo autor com relação às funções da escola bem como interrogamos sobre a necessidade do rompimento com a estrutura didática Comeniana.

Palavras-Chave: Escola Pública, Funções da Escola.

This article aims at establishing a dialog with Gilberto Luiz Alves around his work, “The Material Production of the Contemporary Public School”. More specifically, we add arguments favorable to the author’s thesis in relation to the functions of the school as well as interrogations on the necessity of breaking from the Comenian didactical structure.

Keywords: Public School, Functions of the School.

Anotações preliminares para um debate.

*Em pauta: "A Produção da Escola Pública Contemporânea" de Gilberto Luiz Alves**

Elcia Esnarriaga
de Arruda

Professora da UFMS.

A primeira consideração a fazer ao iniciar esta análise diz respeito ao caráter instigante da obra em pauta. A riqueza dos dados, franqueada pela incorporação dos clássicos, permite a defesa das teses em referência e ainda possibilita ao leitor percorrer outras trilhas que não aquelas transitadas pelo autor. Mormente o autor seja muito convincente na defesa de sua tese, deixa-nos espaço para um debate necessário e salutar.

Devo confessar que durante a leitura do texto: "*A Produção da Escola Pública Contemporânea*", palmilhei por atalhos desacompanhada do autor, e é sobre esse percurso que eu gostaria de relatar nesse momento.

Faz-se necessário, ao começar esta apresentação, afirmar dois pressupostos que nortearam minha leitura, menos para servir de declaração de princípio e mais para que eu possa ser cobrada de possíveis deslizes na análise: as condições materiais são o amálgama sobre o qual se sustentam as idéias produzidas numa determinada época e segundo, as instituições têm um tempo de vida útil depois do qual perecem na medida em que novas são gestadas para atender às novas necessidades. Estes princípios são assumidos também no texto, por Alves.

* ALVES, Gilberto L. *A produção da escola pública contemporânea*. Campinas-SP, 1998.p.203.

Duas afirmações centrais conduzem a obra do autor. Uma diz respeito às funções da escola e a outra relaciona-se à sua organização didática, que segundo o autor “se encontram no âmago da crise da escola pública de nosso tempo”¹

O perigo na utilização do conceito de crise é o fato de poder ser invocado, a partir daí um conjunto de medidas que se, corretamente aplicadas dariam conta de reverter tal crise.

A primeira questão que eu gostaria de abordar refere-se à designação de **crise**. Eu preferiria não denominar a atual situação da escola pública contemporânea como em crise. Sanfelice² em um artigo que recebe o título de *Crise! Que Crise!* considera essa questão, a meu ver de maneira apropriada. Farei uma citação longa mas necessária para esclarecer minha preocupação.

“... apenas concordo com a crise da educação brasileira à medida que se reconheça que não é ela especificamente, que se encontra em tal situação, mas basicamente a sociedade como um todo. Mas isto, *nem poderia ser chamado de crise, é apenas uma das formas de ser do próprio capitalismo*”. O perigo na utilização do conceito de crise é o fato de poder ser invocado, a partir daí um conjunto de medidas que se, corretamente aplicadas dariam conta de reverter tal crise, “*assim resolvendo os problemas educacionais e o capitalismo ficando intacto*”.³ (grifo nosso) Apesar de a obra do autor, no seu conjunto, não conduzir a esta perspectiva, entendo que a utilização do termo pode levantar as questões para as quais Sanfelice chama

atenção, desviando o leitor da argumentação.

Voltando ao cerne da obra do autor, opto por iniciar refletindo sobre os objetivos da instituição escolar. Alves reconhece que a alimentação escolar, tratamento médico-odontológico, atividades esportivas e culturais fora do currículo, o lazer, o cuidado exercido sobre a criança enquanto os pais trabalham, “não são expressão da sem razão...e não há qualquer instituição que possa exercê-la melhor que a escola.”⁴

Esta constatação considera as reais necessidades da sociedade, hoje, que não consegue mais garantir que homens e mulheres vendam sua força de trabalho e assegurem mínimas condições aos seus filhos. E mesmo aqueles que estão incorporados ao setor produtivo participam de longa jornada, daí porque não podem prescindir de uma instituição que ofereça os cuidados antes disponibilizados pela família. Nestas circunstâncias a escola representa a única (sem julgar se melhor ou pior) alternativa de atendimento.

Poderíamos acrescentar outras funções àquelas já citadas anteriormente. Um interessante estudo piloto⁵ foi planejado, em 1995, pelo CEMERA (Centro de Medicina Reprodutiva e Desenvolvimento Integral do Adolescente) da Universidade do Chile e realizado pela UNOPEC (Unidade Operativa de Educação e Capacitação). Preocupados com a estatística que revela que das 13500 estudantes que engravidam a cada ano apenas 15% permanecem na escola e destes apenas 7% depois de 3 anos, por

¹ Id., *ibid.*, p.31.

² SANFELICE, José L. *Crise! Que Crise!* Nuances, São Paulo, vol II, 1996. p. 5-8.

³ Id., *ibid.*, p.7.

⁴ ALVES, Gilberto L. *op cit* p.190.

⁵ CEPAL. Comisión Económica para América Latina y el Caribe. *Panorama Social de América Latina*. Santiago do Chile: Editorial Pomelo, 1997. p.118.

várias razões que não serão citadas aqui para não alongar o texto, o CEMERA propôs um programa alternativo de educação e capacitação que permitisse às adolescentes e futuras mães permanecer na escola. Ao manter esta clientela na escola poder-se-ia assegurar o controle de indicadores como o desenvolvimento da criança, incidência de enfermidades e ocorrência de acidentes caseiros. Ainda mais, a instalação, na escola de um berçário permitiria atender ao recém-nascido e compatibilizar atividades da maternidade com aquelas da escola. A avaliação do programa aponta seu sucesso com base nos seguintes critérios: a) é equitativo - promove a igualdade na medida em que se acolhe adolescentes grávidas de classe média e baixa; é integral - conta com atendimento à mãe, ao filho e ao pai, se necessário; c) contribui indiretamente para a prevenção do aborto clandestino, abandono e mau trato infantil; d) é financiado através do estado e com a renda dos alunos conforme sua capacidade econômica; e) ameniza o impacto familiar, psicológico e social de uma gravidez não esperada.

Uma outra demanda para escola tem sido a do controle de drogas. É crescente o número de jovens, em idade cada vez mais precoce, que se tornam consumi-

dores. A estrutura familiar que mostra sinais de esgotamento, não tem encontrado respostas satisfatórias para controlar o caos que parece instalar, sem distinção de classe social.

Esse exemplo bem como o estudo realizado pelo CEMERA ilustram as novas funções que estão sendo exigidas, assumidas e avaliadas como necessárias para responder as demandas atuais.

A escola, dessa forma, está propondo a cada dia inúmeros *serviços novos*, na tentativa de atender a novas demandas. No nosso entendimento este reconhecimento das funções da escola está sustentado numa concepção de escola enraizada nas condições materiais que a produzem e nas necessidades humanas que devem atender.

Outros dados permitiriam, da mesma forma, corroborar a tese de Alves no que se refere às necessidades que condicionam o surgimento da escola. Para tanto entendemos ser útil um rápido percurso sobre a escola no meio rural, especialmente aquelas instaladas nas carvoarias de Mato Grosso do Sul.

Não é nosso objetivo discutir as condições históricas que engendraram a formação de um maciço florestal no cerrado, na década de 70, em que aproximadamente 500 mil hectares foram desmatados para serem ocupados por uma floresta homogênea de eucalipto e que recebeu uma aplicação de 550 milhões de dólares com bandeiras sociais de: interiorização do progresso, modernização rural, melhoria de renda e qualidade de vida da popula-

A escola, dessa forma, está propondo a cada dia inúmeros "serviços novos," na tentativa de atender a novas demandas.

ção do meio rural e redução do fluxo migratório para o meio urbano⁶. O incremento na produção de carvão no Estado de Mato Grosso do Sul ocorre no período de 1989 a 1994 quando são desmatados no Estado 2320000 hectares de vegetação nativa. Nesse período registra-se o trabalho infantil.

Transcorrido o auge da produção de carvão (1990-1994), no final de 1994,

⁶ AGÊNCIA TERRA. *A produção de carvão vegetal em Mato Grosso do Sul. Um estudo de sua dinâmica sócio-econômica e ambiental.* Belo Horizonte-MG, 1996.

foi instalado o Fórum Nacional de Erradicação do Trabalho Infantil e com ele várias medidas federais, estaduais e municipais. Em 1995, *após o auge da produção*, nova legislação dava ao órgão

Essa descrição vai ao encontro das funções da escola apresentadas por Alves mas não requer, pelo menos de imediato, a adesão aos princípios oferecidos pela tecnologia de ponta como sugere o autor.

fiscalizador estadual a ferramenta necessária para efetivamente ordenar e regular a atividade carvoeira em MS. Nesse sentido, ocorre a participação de diversos atores “movidos por um compromisso ético e moral de mudar o quadro social atual e preservar os recursos naturais da região, dos quais todos dependem para viver e trabalhar”⁷. Estrutura-se a partir daí o PAI (Programa de Ações Integradas), envolvendo o empresariado do carvão, carvoeiros, instituições governamentais e não governamentais.

Nesse programa ocupa papel de destaque a Secretaria Estadual de Educação contemplando:

- 1 - o acesso imediato das crianças às escolas, adequando a infra-estrutura escolar para o atendimento na zona rural;
- 2 - capacitação dos profissionais da educação;
- 3 - instalação do Programa Bolsa-Escola;
- 4 - valorização e complementação da **merenda escolar além dos dias letivos**.⁸

Nosso objetivo é demonstrar, com essa rápida descrição, as condições concretas que condicionam a proposta de aten-

dimento escolar. Ela nasce no momento em que as crianças precisam de um espaço para sobreviver. Registros de como essa escola realizava o atendimento escolar⁹ aponta a sua precariedade. Uma preocupação permanente nas escolas é com a merenda escolar que raramente falta. Qual é o lugar do pedagógico? A despeito da vontade dos professores é difícil

desenvolver o pedagógico quando as necessidades colocadas são de outra ordem. As crianças precisam usufruir da única alimentação, do único jogo de bola no chão batido e o pedagógico fica por conta boa vontade e da dedicação do professor que coloca à disposição o material didático que, também, está sempre presente.

Essa descrição vai ao encontro das funções da escola apresentadas por Alves mas não requer, pelo menos de imediato, a adesão aos princípios oferecidos pela tecnologia de ponta como sugere o autor. Aqui a escola sequer atingiu as características de uma escola Comeniana. O exemplo que apresento poderia levantar críticas de inadequação uma vez que está demonstrada uma situação de atraso quando o nosso foco de análise deveria considerar o mais avançado. Concordo que a situação seja peculiar, no entanto, quero refletir sobre a validade de prescrições amplas. Não estaríamos correndo o risco de propor uma escola desenraizada das condições materiais?

Em tempos de violência as pessoas reclamam necessidade de segurança. Em um artigo da Folha de São Paulo¹⁰ Dimenstein aponta para o fato de que

⁷ AGÊNCIA TERRA, P.79.

⁸ GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL. Programa de Ações Integradas- Para a eliminação o trabalho infantil nas carvoarias de Mato Grosso do Sul. 1996.

⁹ ARRUDA, E.E. *Trabalho e Educação de crianças em carvoarias de Mato Grosso do Sul*. I Seminário de Políticas Públicas e Educação-UFMS. Campo Grande-MS, 1999.

¹⁰ DIMENSTEIN, G. Eles já vivem na recessão. *Folha de São Paulo*, 11jul. 1996. Cad.3, p.1.

dois milhões de adolescentes não estudam e nem trabalham e indica que “ruas mais calmas vão depender também do número de estudantes que se mantém na escola”... Ou seja, é preciso que a escola absorva esse contingente potencial da marginalidade.

Em um relatório intitulado Sobre(o) viver da Criança e do Adolescente em Campo Grande-MS¹¹, as autoras discutem uma outra reportagem de Dimenstein¹² na qual relata o sucesso das salas de aulas eletrônicas, com alunos espalhados por diferentes cidades e países que freqüentam a sala da Comput Hight, de Michigam. Aí o comando de um professor atende o aluno em casa com programas educativos sofisticados em que este viaja por bibliotecas e museus do mundo e ainda por cima troca idéias com colegas que podem estar na África do Sul, Inglaterra e Jamaica, por exemplo. A avaliação desse programa não poderia fornecer melhores índices. Existem dois milhões de alunos participando do “home schooling” e o sucesso é garantido nas melhores universidades.

É preciso muita cautela. As autoras do relatório acima citado, refletindo sobre o artigo da Folha de São Paulo afirmam que “...pelos testes, notas e ingressos nas melhores universidades ...diríamos que a escola é desnecessária para um ensino de “boa qualidade” ou para a transmissão dos conteúdos acumulados pela humanidade...Lugar de criança acaba sendo na escola quando não se

tem onde mantê-las ocupadas e alimentadas. E eu acrescentaria que lugar de criança é na escola quando a família, enquanto uma agência de controle social não dá conta de cumprir suas funções e quando a escola apresenta-se como a única alternativa para retirar (ou proteger) os jovens da criminalidade, das drogas, contribuindo para que haja mais segurança nas ruas.

Seguindo essa linha de raciocínio o discurso sobre a ampliação de escolas para garantir a presença de um contingente de crianças e adolescentes cada vez maior deve ser entendido no bojo das necessidades colocadas no momento. Portanto, não se trata de discurso ingênuo quando mais e mais escolas são reinvidicadas.¹³ Sanfelice¹⁴ afirma “que quando os educadores também reproduzem o discurso da crise da educação, na maioria estão cobrando pela mesma “eficiência” pretendida pelo sistema capitalista. De um lado isto não é recriminável porque se trata de desenvolver até as últimas conseqüências o potencial da própria sociedade capitalista. De outro lado, é insuficiente porque o capitalismo

Lugar de criança acaba sendo na escola quando não se tem onde mantê-las ocupadas e alimentadas.

tem os seus próprios limites em se tratando de construir uma sociedade de qualidade superior à atual”.

Nesse sentido reivindicar as “escolas de parede” apesar do encantamento

¹¹ ARRUDA, E.E. ; SOUZA, A.A.A. ; MENDONÇA, M.F.E..L; PEREIRA,S.M. Sobre(o)viver da Criança e do Adolescente em Campo Grande/MS.Campo Grande, UFMS,1996.

¹² DIMENSTEIN,G. Lugar de criança é na escola ? *Folha de São Paulo*, 11 jul.1996. Cad. 3, P.1.

¹³ “Também os educadores, suas associações e seus sindicatos, não importa se movidos por boas intenções, quando clamam por uma escola pública, universal, gratuita e de boa qualidade, *nem de longe tocam as suas determinações últimas e terminam por repetir, basicamente, as mesmas reivindicações de mais escolas, mais salas de aula* (grifo nosso) e maior qualificação do magistério.. ALVES,G. Op cit. p181

¹⁴ SANFELICE, J.L. op cit p. 7.

a que possamos ser submetidos com as “home schooling” é responder, sem tergiversar, as necessidades postas nesse momento. Qual escola responde as necessidades do nosso tempo? O que deve ser considerada uma escola de boa qualidade, hoje?

Analisando o anacronismo da organização didática da escola, Alves de-

Dessa forma uma escola enraizada na materialidade contemporânea amplia suas funções e para operar de forma a cumprí-las pode, em muitos casos, prescindir das tecnologias disponíveis.

fende uma escola moderna que incorpore os recursos tecnológicos bem como defende a retomada dos clássicos. Pergunto-me, nesse caso, se para atender as demandas tão bem explicitadas por Alves a escola precisaria de adotar a tecnologia de ponta ou mesmo retomar os clássicos? Parece-me necessário separar essas duas questões. A incorporação de tecnologia de ponta poderia ser levada a cabo de forma a instrumentalizar a escola para realizar, com *mais eficiência*, sua função contemporânea. Aliás, parece que poderia estar aí a forma moderna de realização dos ideais Comenianos de expansão e barateamento do ensino. Todavia deve ser colocado que a necessidade de substituição do “velho arado: o livro didático” pelos avanços tecnológicos far-se-á na medida da sua necessidade. Ou seja, o descompasso entre a utilização de tecnologia de ponta utilizada fora da escola e a atrasada estrutura Comeniana só existe porque a escola, por meio desta última tem dado conta de realizar suas funções. Não me parece, pelo menos à primeira vista, que a adesão aos princípios

tecnológicos provocaria dispensa de trabalhadores uma vez que escola, como vimos anteriormente, tem aumentado consideravelmente seu leque de ações.

No que diz respeito à utilização dos clássicos, eu perguntaria em que medida essa necessidade está colocada no momento presente. Parece-me que a *produção da idéia* da necessidade dos clássicos se coloca em patamar muito diferente da sua *produção material*.¹⁵ A partir dessa afirmação eu não pretendo contrariar a idéia de Alves “de que os conhecimentos ofere-

cidos ao trabalhador poderiam ser de outra natureza e, por meio deles, seriam asseguradas ao trabalhador as possibilidades de captar a totalidade pela apreensão das leis que regem seu movimento; de chegar ao reconhecimento do trabalho simples como necessidade histórica e como conquista de uma época humana e ao entendimento da importância social do fazer do trabalhador quando este se reduziu historicamente à força de trabalho”. Concordamos com o autor que este seria o caminho para a apreensão da totalidade. Perguntamo-nos, porém, em que medida essa necessidade está colocada para que o capitalismo “funcione bem”? Esta necessidade estaria sendo colocada por essa sociedade? Ou esta necessidade estaria sendo posta pelo almejo de uma sociedade superior a que vivemos?

Dessa forma uma escola enraizada na materialidade contemporânea amplia suas funções e para operar de forma a cumprí-las pode, em muitos casos, prescindir das tecnologias disponíveis.

Entendo inclusive que uma luta conseqüente dos trabalhadores da educa-

¹⁵ Retiro de Alves a análise do surgimento da escola “...como a produção da idéia não foi condição suficiente para que essa instituição social se implantasse e se expandisse, importa analisar as condições concretas que, suficientemente amadurecidas, tornaram possível a sua realização. ALVES, *Op cit.*, p 105.

ção deva ser encaminhada na direção da defesa de seus quadros e sua qualificação¹⁶ de forma a impedir que a euforia com a tecnologia e a sua apropriação sirva para formar os *e-diotas*¹⁷.

Talvez de somenos importância para a síntese elaborada pelo autor, mas merecedora de um ligeiro comentário seja a forma com que Alves conduz a análise do texto de Aníbal Ponce. Parece-nos que Ponce não recebeu o tratamento dispensado aos outros autores citados. Ao eleger seus interlocutores Alves preocupa-se em “selecionar obras clássicas que expressem momentos significativos dos movimentos abordados”¹⁸, o que ilustra seu método para desvendar e compreender a teia de determinantes do surgimento da escola pública contemporânea. Contudo ao estabelecer a

interlocução com Ponce este não escapa aos seus “ácidos julgamentos”. É meritória a clareza com que Alves aponta a leitura dos clássicos realizada por Ponce, todavia parece-nos que as idéias do autor argentino deveriam ser contempladas no bojo do movimento de que faz parte o autor. Nesse sentido, isenta de uma postura conciliatória penso que seria imprescindível inserir Ponce no movimento de produção das idéias de seu tempo e em seus determinantes conjunturais.

Para finalizar gostaria de reiterar, mais uma vez, a contribuição de Alves na medida em que apresenta uma obra que não permite ao leitor passar imune: provocativa e instigante com relação à temática, rigorosa no método de análise e radical na defesa de sua tese.

¹⁶ ...” vale reforçar o fato de que a qualificação profissional não é uma categoria de análise pertinente à sociedade capitalista”....ALVES, G. *Op. cit.*, p.119. Conquanto estejamos convencidos de que a forma capitalista de organização do trabalho demande um trabalhador destituído da qualificação exigida sob o feudalismo, entendemos que a tecnologia de *per se* não permite avançar no sentido de apreender a totalidade.

¹⁷ Termo utilizado por DIMENSTEIN, G.

¹⁸ ALVES, G. *Op. cit.*, P.15.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- 1 - AGÊNCIA TERRA. *A produção de carvão vegetal em Mato Grosso do Sul. Um estudo de sua dinâmica sócio-econômica e ambiental.* Belo Horizonte-MG, 1996.
- 2 - ALVES, Gilberto Luiz. *A produção da Escola Pública Contemporânea.* Campinas-SP: Faculdade de Educação/UNICAMP, 1998. 203 p.
- 3 - ARRUDA, E.E. ; SOUZA, A.A.A. ; MENDONÇA, M.F.E..L; PEREIRA, S.M. *Sobre(o)viver da Criança e do Adolescente em Campo Grande/MS.* Campo Grande, UFMS, 1996.
- 4 - ARRUDA, E.E. *Trabalho e Educação de crianças em carvoarias de Mato Grosso do Sul.* I Seminário de Políticas Públicas e Educação-UFMS. Campo Grande-MS, 1999.
- 5 - CEPAL. Comisión Económica para América Latina y el Caribe. *Panorama Social de América Latina.* Santiago do Chile: Editorial Pomelo, 1997. p.118.
- 6 - DIMENSTEIN, G. Eles já vivem na recessão. *Folha de São Paulo*, 11 jul. 1996. Cad.3, p.1.
- 7 - DIMENSTEIN, G. Lugar de criança é na escola ? *Folha de São Paulo*, 11 jul. 1996. Cad. 3, p.1.
- 8 - GOVERNO DO ESTADO DE MATO GROSSO DO SUL. Programa de Ações Integradas- Para a eliminação do trabalho infantil nas carvoarias de Mato Grosso do Sul. 1996.
- 9 - SANFELICE, José L. Crise! Que Crise ! *Nuances*, São Paulo, vol II, 1996. p. 5-8.